

A OBRA DA RUA NO CONTEXTO HISTORIOGRÁFICO DA CRIANÇA ABANDONADA EM PORTUGAL

MARTINS, Ernesto Candeias¹

Resumo: *A infância é um conceito, uma representação, um tipo ideal a caracterizar elementos comuns às diferentes crianças. Admite-se a subdivisão de infâncias, quando surgem contextos socioeducativos para a infância material ou moralmente abandonada, infância pobre ou órfã, infância inadaptada ou delinqüente, etc. A criança torna-se a categoria genérica, por exemplo, como objecto da investigação pedagógica, social, psicológica e antropológica. No contexto ao estudo e à temática abordada, o autor dá, por um lado, uma visão descritiva dos campos historiográficos de investigação histórico-educativa actuais em Portugal e das medidas e serviços de protecção à infância, em situação de abandono, delinqüente e 'em perigo moral', durante a primeira metade do século XX e, por outro lado, da integração da Obra da Rua do P.e Américo no contexto da História da Educação Social e da História da Assistência à Infância.*

Palavras-chave: *Historiografia; Categorias Historiográficas; Obra da Rua; Criança Abandonada; História da Educação Social; História da Assistência à Infância.*

THE OBRA DA RUA IN THE HISTORY CONTEXT OF THE CHILD ABANDONED IN POTUGAL

Abstract: *Infancy is a concept, a representation an ideal type to characterise common elements in different children. The sub-division of infancy is accepted when socioeducational contexts related to unwealthy or morally abandoned, poor or orphan, misfited or delinquent infancy among others the child becomes the generic category i. e, as subject of*

¹ O autor é licenciado em Filosofia (FF/UCP-Lisboa) e em Ciências da Educação (FPCE/UL), Mestre em Educação (FCH/UCP-Lisboa), na área da Formação Pessoal e Social, e Doutor em Ciências da Educação pela Univ. das Ilhas Baleares –Palma de Mallorca (Espanha). É professor Adjunto de nomeação definitiva na ESSE –Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco (Portugal), onde exerce o cargo de Subdirector. É responsável pela Secção de Filosofia da Educação da SPCE - Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.

Contactos: Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Castelo Branco

Rua Prof. Faria de Vasconcelos, 6000 - 266 - CASTELO BRANCO (Portugal) - Telef. 272 339100; Fax: 272 343477;

E-mail: ernesto@mail.esepcb.pt

the pedagogical, social, psychological and antropological research. In the context of this study and under the topic studied the author gives, on one hand a descriptive insight of the historical fields of educational research in Portugal nowadays and the measures and services of protection to abandoned delinquent and in 'moral danger' children during the first half of the 20.th century and on the other hand the integration of P.e Américo's Obra da Rua in the context of Social Education History and Yonth Welfare History.

Key-words: *History; Historical Categories; Obra da Rua; Abandoned Child; Social Education History; Yonth Welfare History.*

1. É sabido que podemos compreender a infância como a concepção ou a representação que os adultos fazem sobre esse período inicial do ser humano, ou como a etapa vivida pela criança, o sujeito real que vive essa fase da vida. Nesse sentido, a história da infância será, então, a história das relações e dos contextos históricos da sociedade, da família, da cultura, da escola, dos adultos com essa idade e a biografia da criança e o seu percurso educativo/formativo. A opção por uma ou outra perspectiva é algo circunscrita ao mundo dos adultos, aos escritores que escrevem as histórias, os responsáveis pela formulação dos problemas e pela definição das fontes a investigar.

A infância é um conceito, uma representação, um tipo ideal a caracterizar elementos comuns às diferentes crianças. Também há a subdivisão de infâncias, quando surgem contextos socioeducativos para a infância material ou moralmente abandonada, infância pobre ou órfã, infância inadaptada ou delinqüente, etc. A criança torna-se a categoria genérica, por exemplo, como objecto da investigação pedagógica, social, psicológica e antropológica. Às vezes, a expressão infância refere-se às crianças dos sectores dominantes, quando se atribui a esses sectores a primazia dos sentimentos e das práticas que caracterizam esse conceito, imagem ou representação. Outras vezes, a infância representa as crianças pobres, marginalizadas e abandonadas, objecto das políticas sociais e/ou jurídico-sociais.

A problemática da criança abandonada, delinqüente e inadaptada tem sido uma epidemia da sociedade moderna e contemporânea. É por volta dos finais do século XIX que essa infância se transforma num problema de ordem pública nos centros urbanos, começando a surgir os movimentos filantrópicos e as medidas jurídico-penais, médicas e sociais. A preocupação por aqueles infelizes coincide com outras formas de patologia social (degenerescência) na sociedade, devido aos flagelos sociais (analfabetismo, pobreza, miséria, alcoolismo, etc.) é criminalidade existente.

As respostas sociais dos reformadores e dos organismos públicos foi estabelecer medidas repressivas, reforçando os mecanismos que permitiam a disciplina e a defesa social. É nesse contexto que nascem os movimentos de protecção à infância, de profilaxia social e educação popular nos começos do século XX. Em certa medida, as situações da infância e das famílias desfavorecidas eram causadas pelas conjecturas políticas, crises económicas, turbulência sindical (operariado), falta de políticas sociais e educativas, agravadas no regime salazarista, que criaram muitas 'bolsas' de pobreza e de eclosão social no País e as deficiências culturais em muitas gerações (literacia).

É imprescindível realizar um olhar cruzado aos enquadramentos historiográficos, no âmbito da História da Educação, da História Social da Educação e História das Ideias Pedagógicas, sobre os campos categoriais das investigações educacionais na actualidade, de modo a compreender o contexto da assistência educativa à infância e da educação social. Especificamente, trataremos de explicar o contexto historiográfico da Obra da Rua fundada pelo P.e Américo, em 1940, interpretando-a à luz da teoria e/ou filosofia da educação (História das Idéias Pedagógicas ou História da Pedagogia) e da assistência educativa à criança abandonada, marginalizada, vadia e inadaptada (História da Infância Inadaptada ou História da Criança).

A concepção da infância remete-nos a uma construção histórica, frisando que os próprios conceitos são historiograficamente produzidos, marcados pelo contexto que os vê nascer e constantemente postos em xeque pelas épocas vindouras e as exigências por elas desencadeadas. Daí que qualquer construção conceptual é datada e, por natureza, rodeada de problemas, uma vez que implica a nomeação, delimitação abstracta de fenómenos que se mantêm à volta da 'infância' ou 'infâncias'.

Possivelmente, mais do que a conceptualização da infância e da criança, será importante desvendá-la desde uma perspectiva não-determinista. Sendo atentos aos discursos e às suas valências, definimos no registo crítico de práticas e de normalizações, as contextualizações histórico-sociais, o que significa a introdução de mediações complexas de comportamentos, recusando metodologias redutoras e mecanicistas. Ao contrário, quaisquer tentativas de questionamento e de (re) orientação das representações da infância e da criança.

A modo de enquadramento contextual ao estudo e à temática, por nós abordada, daremos uma visão descritiva dos campos historiográficos de investigação histórico-educativa actuais em Portugal, das medidas e serviços de protecção à infância em situação de abandono, delinquente e 'em perigo moral', e das políticas económicas, sociais, assistenciais e educativas seguidas na época.

2. Um olhar cruzado aos estudos histórico – educativos

Sabemos que a História é um manancial inesgotável de curiosidades e de satisfações na tentativa de compreender o mundo, uma época, uma instituição ou uma temática específica, pois compreender o passado desde o presente é compreender o presente à luz do passado. Provavelmente, será impossível fazer a história completa de um país, em todos os seus múltiplos aspectos e nas mais variadas manifestações da sua actividade, sem o auxílio e os elementos indispensáveis das monografias exactas das instituições e dos pensadores, da vida quotidiana social, das histórias locais ou regionais, dos fenómenos culturais e educativos, das conjecturas económicas e sociais, dos ‘marginalizados’ ou excluídos, das ‘sub-culturas’, etc.

O estudo do passado e, em particular, o da educação, o pensamento e a acção dos educadores que a modelaram, integram-se no prodigioso esforço de elaboração do património cultural português e da própria identidade do povo, tendo em conta os ‘sem voz’, até agora pouco estudados nos seus contextos e vivências. Por este facto, a história da educação deve ser cada vez mais ‘história’ e cada vez mais ‘educação’, não desprezando o ‘social’.

A História da Educação, incluída dentro das Ciências da Educação, comunga dos objectivos e métodos da própria História e só se pode fazer com a procura e questionação sistemática das fontes, constituindo para o historiador uma tarefa árdua (Gomes, 1988: 14-17).

Efectivamente, a História da Educação constitui um domínio autónomo do conhecimento, em renovação, revestido de identidade epistemológica e marcado por alguma ambigüidade e fragilidade ao nível da conceptualização e na definição de um campo disciplinar (Brickman, 1992: 48-50; Nóvoa, 1988: 45-47; Ruiz Bérrio, 1976: 450-452). A sua natureza apresenta estruturalmente duas vias: a natureza substantiva (o campo) e a natureza metodológica (o método). No dizer de Justino Magalhães (1998: 1), a “*especialização das abordagens sobre a educação como campo epistémico (...) insere-se dentro dos princípios gerais e de conhecimento historiográfico em geral*” e, nesse sentido, a História da Educação constitui uma especialização da História. Assim sendo, a abordagem historiográfica, questionada pela objectividade e subjectividade, revela-se, nos últimos tempos, mais adequada no plano metodológico à representação da acção educativa, frente a outros discursos centrados na observação, na experimentação, na medição e na generalização. Por isso, muito da produção discursiva sobre a educação apresenta uma ‘lógica generativa’ a partir do passado, que procura legitimar e justificar o presente pelos seus antecedentes (Nóvoa, 1989: 26-27).

Frente à renovação historiográfica e historiológica dos últimos tempos no âmbito da História e, em particular, da História da Educação e/ou História da Pedagogia², devido aos vários contributos interdisciplinares de algumas ciências, especialmente das Ciências da Educação e do modo de discurso utilizado na compreensão e interpretação dos processos e dos fenómenos educativos, os historiadores passaram a adoptar novas técnicas de pesquisa (perspectivas metodológicas cruzadas) nas abordagens histórico-educativas. A crise dos paradigmas da ciência moderna pôs os historiadores perante questões que não estavam preparados para enfrentar.

Houve, assim, uma harmonização das abordagens contextuais, dos discursos e das análises textuais, contribuindo com novas abordagens das práticas discursivas, dentro do espaço social, cultural e educativo ocupado pelos actores e agentes, integrando-se a ‘história social’ na ‘nova história cultural e intelectual’³.

Dessa forma, historiograficamente se destacam a impressionante sofisticação de técnicas e meios de recolha e tratamento da informação. As imensas investigações histórico-educativas no nosso País, apoiadas em séries documentais e arquivísticas, põem-nos em evidência a necessidade de abandonar alguns princípios de inteligibilidade dominante naquelas investigações, devido à influência dos sistemas globais de interpretação (influxos da história social, das estruturas

² É importante não confundir conceptualmente entre ‘educação’ e ‘pedagogia’ (termo menos usado na actualidade) e, conseqüentemente, entre ‘História da Educação’ e ‘História da Pedagogia’, em termos historiográficos. A ‘Educação’ refere-se à totalidade do que existe como ‘acção’ de uma natureza, o que se faz e o que se aplica e, por isso, tem uma dimensão mais prática que teórica, enquanto ‘Pedagogia’ é a reflexão prática dessa acção educativa, tendo como objectivo orientá-la, guiá-la, formulando o ‘como’ alcançar as finalidades e os valores desejáveis. Esta reflexão sobre a educação conduz-nos à filosofia da educação, à pedagogia geral e à teoria da educação. É improcedente qualquer distinção entre a ‘História da Educação’ (aborda as realizações educativas concretas na prática) e ‘História da Pedagogia’ (aborda o desenvolvimento das ideias e a evolução do pensamento pedagógico), pois ao historiar as idéias e o pensamento, fazemos referência aos factos, fenómenos e acções que foram o suporte da evolução daquelas idéias e vice-versa. Neste sentido, ambas as histórias são sinónimas (apesar da expressão ‘História da Pedagogia’ ser mais limitativa) na perspectiva de uma História integrada e total, orientativa do conhecimento histórico sobre a educação.

³ As correntes historiográficas contemporâneas no início deste século XX (o ‘*historicismo*’ proveniente do idealismo alemão, a ‘*Escola dos Anais*’ insistindo nos períodos de longa duração e na interdisciplinaridade e a ‘história marxista’ orientada às condições materiais da vida dos povos) sofrem a crise epistemológica no seio dos estudos de História a finais da década de 50, pairando a ideia que conceptual e metodologicamente se estava numa via sem saída. Contudo, exploram-se novas orientações teóricas e uma intercomunicação de ideias e enfoques que fizeram brotar as correntes da ‘*História das Mentalidades*’, a ‘*Nova História*’ herdeira dos Anais, o ‘*estruturalismo histórico*’, o regresso à ‘*História Narrativa*’, a ‘*História Social*’ e a ‘*História de Género*’, com destaque para a ‘história da mulher’ e da criança. Neste olhar cruzado ao labirinto das diversas correntes da historiografia contemporânea, ficamos com a ideia que houve uma tentativa de afiançar novos métodos (globalização, interdisciplinaridade, interesse pelas mentalidades, pelos sentimentos, pelo social, pelo quotidiano, pela mulher, pela criança, pelas realidades marginalizadas, etc.) e novas estratégias na investigação histórico-educativa (Ruiz Bérrio, 1997, 135-145).

e das mentalidades), adoptando pouco a pouco novas formas de pensar e de praticar a História da Educação (Escolano Benito, 1997: 66-75; Nóvoa, 1998: 36-37).

Com efeito, um dos desafios actuais na História da Educação (e da História Social da Educação) é o de se exigir, por um lado, a utilização pluridisciplinar da informação e dos dados (documentais) e a sua respectiva conceptualização e, por outro lado, a prática de um discurso transdisciplinar na compreensão dos fenómenos da realidade histórica significativa (valorização do método hermenêutico) (Martins, 1998: 87-99).

Coincidimos com o Prof. A. Viñao Frago, para quem a “*História de la Educación guarda, o debe guardar, una relación más estrecha con la Teoría de la Educación – llámesele Pedagogía General, Filosofía de la Educación, Teoría de la Educación o como se prefiera – que con la Didáctica y Organización Escolar o con los Métodos de Investigación y Diagnóstico en Educación.*” (Viñao Frago, 1997: 23).

Na realidade, parece-nos que os reptos e/ou dilemas da História da Educação se situam na complexidade das questões que determinam suspeições teóricas, abordagens a novas temáticas ignoradas ou consideradas ‘marginais’ (como no caso da criança abandonada, delincente, marginalizada, órfã e inadaptada, da mulher, da cultura da pobreza, etc.), a pluralidade das interpretações que originam novos modos de pesquisa e de discursos, o recurso aos métodos e técnicas quantitativas e qualitativas, a adopção de novos instrumentos de investigação, etc.

Se fizermos um visionamento das investigações histórico-educativas ou histórico-pedagógicas até aos nossos dias, num espaço de tempo com altos e baixos e interregnos de estudos em História da Pedagogia e da Educação em Portugal, teremos que nos remontar ao último terço do século XIX e começos do século XX, onde encontraremos algumas obras de referência, com análises ideológicas e indicações de estratégias diversificadas (Gomes, 1995: 87-99). É evidente que muitas das produções realizadas nas últimas duas décadas têm trilhado os âmbitos da filosofia da educação e de história da educação, disciplinas professadas, entre nós, a nível do ensino superior, unidos à tomada de consciência dos historiadores que o objecto historiográfico (instituições educativas, métodos e técnicas educativas, formação de professores, as idéias e os ideais educativos, o pensamento de alguns educadores, os currícula, os manuais escolares, as histórias de vida dos professores, etc.) é determinante para a compreensão do passado histórico.

Na verdade, a realidade educativa (os ‘factos’ educativos), o pensamento educativo (as idéias pedagógicas e/ou educativas) e a interacção entre os ‘factos’ e as idéias (ou ideais) educativos têm servido de pano de fundo a muitos desses estudos realizados em termos académicos em algumas universidades. Por vezes, não se tem dissociado a história do

pensamento educativo da história da realidade educativa, já que o pensamento educativo é construído desde ou contra a realidade educativa e cultural circundante e, dado que essa realidade é envolvida pela realidade social, não é possível fazer História da Educação e/ou História da Pedagogia fora da História Social, da História das Mentalidades e da História da Cultura. Não há acção educativa concreta nem nenhuma reflexão pedagógica (ou de antropagogia) que não mergulhe no húmus da História (Patrício, 1988: 239-245)⁴.

De facto, não podemos esquecer-nos de que as novas orientações dos trabalhos em História da Educação põem em relevo a organização dos arquivos, dos acervos documentais e do acesso à informação histórica, o que determina o desenvolvimento de uma historiografia renovada na perspectiva metodológica, que satisfaça os objectivos da investigação histórico-educativa (Martins, 1998: 90-92).

3. Categorias orientativas de historiografia educativa

Em seguida, apoiando-nos em certas categorias de orientação propostas por J. Ferreira Gomes e A. Nóvoa, entre muitas outras possíveis, que comportam as investigações histórico-educativas portuguesas até agora realizadas, poderemos destacar cinco campos temáticos: história das instituições (escolares, de educação não-formal e informal) e do ensino, das idéias pedagógicas, das práticas escolares e pedagógicas ou educativas, dos agentes e actores da educação e do ensino e, ainda, a história da educação social (Gomes, 1987: 13-23; Nóvoa, 1988: 49-56, 1998: 43-50; Fontana, 1992).

Passamos a explicitar esses campos historiográficos.

a) *História das instituições* (escolares, de educação), *do sistema educativo* (políticas educacionais), *do ensino e da educação comparada ou dos sistemas educativos comparados*. Trata-se, no dizer de A. Nóvoa, de um redefinir de

⁴ A 'antropagogia' ou 'andragogia' são neologismos propostos pela UNESCO para substituir 'pedagogia', designando a ciência da formação do homem, insistindo na arte de instruir e educar permanentemente o homem ao longo do seu desenvolvimento e em função da sua vida social, cultural e profissional. Em Portugal, Manuel Ferreira Patrício adopta o termo 'antropagogia', tendo promovido no Departamento de Pedagogia e Educação, de que é responsável, na Universidade de Évora, muitos estudos monográficos sobre algumas figuras pedagógicas como de Teixeira de Pascoaes, António Sérgio, João de Barros, Leonardo Coimbra, P.e Manuel Antunes, Leonardo Coimbra, Faria de Vasconcelos, etc. Em 1999 organizou, em colaboração com a Secção de Filosofia e Pedagogia do Departamento de Pedagogia da Universidade de Évora, com a Secção de Filosofia da educação da SPCE, o 1.º Encontro sobre Figuras da Educação e da Pedagogia Portuguesas (Universidade de Évora, 14 a 16 de Abril) (Actas em impressão).

'identidades', numa tentativa de emergir uma história comparada europeia, da península ibérica, ou de história dos países de expressão portuguesa (Nóvoa, 1998: 49). A educação, tal como a cultura, constitui o elemento fundamental da edificação dos povos, da identidade dentro da diversidade cultural (interculturalidade). Aparecem, assim, muitas investigações neste campo temático, com uma tendência para as histórias locais e/ou regionais, com abordagens e discursos próprios, de reorganização dos espaços educativos, centradas em instituições escolares e nas comunidades educativas com os seus agentes ou actores (interconexão das influências globalizantes e das disposições pessoais).

A maior parte dos trabalhos histórico-educativos adoptam perspectivas antropológicas, etnográficas, sociológicas, económicas, demográficas, de política educativa, etc., aqui e acolá ilustrados com dados estatísticos ou descritivos, numa preocupação de compreender a evolução no tempo e no espaço da organização interna das instituições, das escolas, da relação pedagógica nas aulas e na comunidade educativa e dos fenómenos educativos resultantes da implementação de medidas legislativas ou de política educativa. Tal facto fez surgir na última década do século XX muitas investigações no âmbito da política educativa, do ensino e da educação escolar⁵.

b) *História das idéias ou dos ideais pedagógicos*. Integra a educação e o pensamento pedagógico de pedagogistas ou de educadores, numa tentativa de (re) construção (social) do discurso pedagógico. Este campo domina muitas das investigações histórico-educativas na actualidade, numa busca de origens, causas, influências, ideais educativos subjacentes, com a preocupação de interpretarmos o pensamento de educadores relevantes, principalmente os contemporâneos. É uma forma de reconstruir historicamente a evolução, a recepção e a repercussão das idéias e ideais, apoiando-se num discurso (narrativo, descritivo) que dá relevo às práticas pedagógicas ou educativas em circunstâncias e contextos cruciais e diversificados.

Sabemos que cada época constrói os seus discursos e práticas, colocando as questões da educação no acto pedagógico e nas práticas pedagógicas ('saber fazer'), redefinindo aspectos de subjectividade, identidade e conhecimento dos contextos e espaços escolares. Os actores da educação ou os agentes da educação (educadores e educandos, professores e alunos, docentes e discentes) passam a ser as 'evidências categoriais' do processo educativo e formativo das crianças, com uma

⁵ Por exemplo, mencionamos os trabalhos de Luís Albuquerque, Rómulo de Carvalho, Montalvão Machado, A. Madeira Bárbara, Ávila de Azevedo, Salvado Sampaio, J. Ferreira Gomes, Rui Grácio, Filipe Rocha, J. Ferreira Carrato, Joel Serrão, Banha de Andrade, Luís Torgal e Isabel Vargues, Rogério Fernandes, A. Teodoro, Luísa Cortesão, S. Stoer, A. Nóvoa, Áurea Adão, Filomena Mónica, etc. Em relação às instituições específicas contam-se, entre outros, os estudos de M. Busquets Aguilar, M. Lopes de Almeida, M.A. Carvalho Prata, Hermano Saraiva, Verríssimo Serrão, Mário Brandão, A. Candeias, Moreirinhas Pinheiro, etc.

perceptibilidade da realidade educativa e sociocultural envolvente. A partir daqui, a narração e a descrição histórico-educativo e pedagógica ilustram o modo como esses agentes são categorizados no desempenho das suas funções instrutivas e nos espaços socioculturais. É, por isso, que o papel de mediatização e interpretação realizado a muitas 'figuras' ou pedagogistas na análise a essas realidades e contextos, permite-nos um visionamento e uma edificação histórico-educativa de uma época, resultante do modo como conheceram, interviram e leram o (s) discurso (s) pedagógico (s) no seu tempo.

Têm merecido por parte dos historiadores o interesse pelas idéias pedagógicas e/ou pensamento pedagógico, notabilizando-se, entre muitos outros, os trabalhos de Rogério Fernandes, Rui Grácio, R. Ávila de Azevedo, Alberto Ferreira, Banha de Andrade, J. Ferreira Gomes, A. Nóvoa, M. Ferreira Patrício, etc. De facto, muitas 'figuras' da educação (educadores e pedagogistas modernos e contemporâneos)⁶ têm merecido algumas investigações com enlace na teoria e/ou filosofia da educação e filosofia e pedagogia, nas últimas duas décadas. Nesse campo de investigação são fundamentais as fontes documentais, a correspondência, os manuscritos, as intervenções públicas, as brochuras, os sermões ou homilias, a imprensa, a iconografia, as bibliotecas familiares e toda a documentação impressa que permitem recompor a vida, obra, o pensamento ou a doutrina desses pedagogos.

c) *História das práticas escolares e/ou pedagógicas na escola, no quotidiano escolar, nas actividades* (educação formal e não formal), *na organização e orientação pedagógica* frente a um emergir da 'cultura escolar', dos 'currículos' e das formas de avaliação. Normalmente consideramos a escola como o lugar de aprendizagem de conhecimentos, de valores e de cultura, inculcados aos educandos de modo ideológico ou de reprodução social.

Houve sempre um certo desprezo pela cultura escolar e pelo quotidiano da comunidade educativa, fruto dos conflitos (laborais e de progressão da carreira dos professores e da falta de prestígio destes na sociedade) e das práticas escolares especialmente dentro da aula e na Escola com a sua respectiva organização pedagógica (os horários, as estratégias, os métodos de ensino, os materiais didáticos, os livros de texto, a agrupação dos alunos, a separação de sexos ou a coeducação, os 'quadros de honra', as expulsões, os exames e a metodologia de avaliação das aprendizagens, a gestão de espaços,

⁶ Tais são os casos de **Martinho de Mendonça, Bartolomeu dos Mártires, Ribeiro Sanches, Verney, F. Castilho, João de Deus, F. Adolfo Coelho, Bernardino Machado, João de Barros, Adolfo Lima, Irene Lisboa, A. Sérgio, Alves dos Santos, Faria de Vasconcelos, Leonardo Coimbra, M. Ferreira-Deusdado, Emílio Costa, Delfim Santos, Almeida Garret, Ramalho Ortigão, Álvaro Ribeiro, Sebastião da Gama, Aurélio da Costa Ferreira, Bento de Sousa Farinha, Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes, etc.** A maioria são estudos académicos de mestrado e de doutoramento, apresentados nas Faculdades de Psicologia e Ciências da Educação, de Letras e Filosofia das Universidades do País. Contudo, muitas outras figuras aguardam a sua hora numa tentativa historiográfica ou filosófico-pedagógica de integrarem a História da Educação e/ou História da Pedagogia em Portugal.

etc.), a arquitectura e higiene escolar, o quotidiano escolar, a relação e participação da família na Escola, a relação desta com a comunidade envolvente, o absentismo e a inadaptação escolar, etc. Acrescentamos a essas categorias as problemáticas dos planos de estudo, dos currículos e da sua respectiva organização, as disciplinas e os conteúdos de formação, os manuais, as actividades extra-escolares e as colónias de férias.

De facto, o currículo, com os seus conflitos e determinações, tem um alcance fundamental para evidenciar as intenções, o processo, a estrutura e a inovação curricular dentro da realidade educativa em cada época e, por isso, preside as novas perspectivas de investigação histórico-educativa. Na verdade, essa categoria não tem merecido um grande número de produções e de investigações dos historiadores, apesar de terem já aparecido alguns estudos por Filomena Mónica, J. Ferreira Gomes, F. Castelo-Branco, etc.

d) *História dos agentes e/ou actores da educação e do ensino, a escolarização e as histórias de vida dos professores* numa tentativa de reencontro das experiências escolares e das metodologias. Trata-se, em termos historiográficos, de repensar as relações entre a experiência profissional, as vivências escolares e o sentido das acções e das funções dos actores educativos (Nóvoa, 1988: 55-57). Muitos dos estudos neste campo insistem na narrativa histórica das vidas dos professores, das suas experiências, da sua formação e projectos pessoais, numa intenção de levar as pessoas ligadas à educação e ao ensino para um 'retrato histórico'.

Até agora tem havido uma insensibilidade (educacional) na forma como as crianças ou os educandos vivem as suas aprendizagens e situações escolares, como os professores geram as suas funções e os seus desempenhos (profissionais, pessoais e de gestão ou administração), na relação dos pais com a escola e desta com a comunidade, etc. De facto, nessas áreas desvela-se um reafirmar das subjectividades, que as metodologias qualitativas podem dar um bom contributo.

Recentemente, as linhas de investigação centram-se nas 'experiências', nas 'imagens' e nas 'representações' (dos professores, dos alunos e agentes educativos), nas histórias de vida dos professores, na formação contínua ou permanente desses actores educativos, etc. Ou seja, há como que uma transição das abordagens contextuais para a análise e interpretação textual (área hermenêutica do discurso), num reinterpretar esse mundo dos actores e de construir as suas identidades (Jarausch, 1989: 430-432).

Essa análise experiencial ou vivencial situa os agentes educativos no centro da história social e cultural, com relevo para as suas recordações ('memórias'), testemunhos orais, movimento associativo, etc., levando os historiadores a adoptar as investigações com novos instrumentos teóricos e metodologias de âmbito qualitativo. São de salientar, nas últimas

duas décadas, os trabalhos referentes aos ‘professores’ (e mestres-escolas) e à sua formação e associativismo, principalmente, na perspectiva histórico-educativa, os de Rui Grácio, J. Ferreira Gomes, A. Nóvoa, J. Evangelista Loureiro, Ana Benavente, J. Tavares, Áurea Adão, Gomes Bento, A. Teodoro, Luis Vidigal, S. Stoer, etc., os de alfabetização (Justino Magalhães, F. Ribeiro da Silva, Rui Ramos, etc.) e, ainda, os relacionados com a criança (actor principal da educação) do nível primário (J. Ferreira Gomes, Salvador Sampaio, etc.).

e) *História da educação social e história da assistência à infância*. Esta área historiográfica está muito ligada à história social e à pedagogia social ao integrar a assistência educativa à infância abandonada, inadaptada e em perigo moral, a reeducação dos menores marginalizados e delinquentes, os ‘expostos’ à cultura da pobreza (urbana e rural), a educação especial, os movimentos e as acções de profilaxia social, o serviço social ou trabalho social em prol dos necessitados e desprotegidos, a reclusão nos cárceres, penitenciárias ou escolas-prisão, a história da mulher, etc; e, ainda, a *história da educação informal e não-formal* (referente às actividades lúdicas, recreativas, desportivas, culturais, dos tempos livres, colónias de campo e de mar para crianças, a animação sociocomunitária, etc.) e outros temas no âmbito da educação e da pedagogia social, destinada à infância e juventude e terceira idade. Esse campo de investigação tem sido muito desprezado pelos historiadores da educação (Fernandes, 1994: 21-34; Fernandes e Felgueiras, 2002).

Toda a intervenção socioeducativa e assistencial à infância está ligada às áreas da delinquência, marginalização e inadaptação social, da pobreza e exclusão social, à dimensão correcional e reeducativa em instituições especiais, ao trabalho infantil e da mulher, ao associativismo recreativo e cultural, etc. Todas essas situações estão correlacionadas com a vida familiar, com as políticas sociais e educativas, as mudanças políticas e crises económicas, a situação urbana, etc. Muitas dessas políticas intentaram em vão dar resposta ao problema do controle e mitigação da pobreza, delinquência ou marginalização e desvio social.

As respostas surgiram com medidas assistenciais, profilácticas e médico-pedagógicas, muito isoladas no tempo, destacando o contributo das ‘misericórdias’ para esses colectivos marginalizados da sociedade e, ainda, as medidas repressivas, jurídico-sociais e penais, com uma finalidade de regeneração, correcção e reeducação. Também os diversos tratamentos, medidas e políticas, mais de teor legalista, teórico e institucional, que de prática e de intervenção em ‘meio-aberto’. Tudo isto deu valor à infância e às suas necessidades sociais e educativas, o que implicou uma eclosão de iniciativas filantrópicas, de movimentos e de instituições privadas e públicas (as casas de correcção, escolas de reforma, reformatórios, asilos, etc.).

Na verdade, tem havido algumas tentativas de História da Educação da Infância ou da Criança, devido à influência dos vários encontros internacionais, com o intuito comparado da educação infantil, cujos conteúdos devem respeitar as fontes metodológicas e historiográficas de abordagem. Este dado historiográfico começa a interessar os historiadores que abordam períodos temporais curtos mais ou menos diversificados sobre aquelas temáticas referidas, muito relacionadas com a história social, a demográfica e a económica, a política social, o direito de menores, a pedagogia correcional e de reeducação, etc., com enfoques e metodologias de signo sociocultural e antropológico (história cultural).

Como orientação, podem ser temáticas, para esse campo de investigação, a assistência social domiciliária, voluntária e institucional (aos presos, pobres, órfãos, mendigos, doentes, etc.), os serviços de protecção, o patronato, o controle e a proibição da mendicidade (medida de política social) e do trabalho infantil, o recolhimento e a criação de instituições para pobres e para a infância (desvalida, abandonada, delinqüente), as associações caritativas religiosas e filantrópicas, os modos de intervenção social ou socioeducativa nos centros urbanos, as actividades, as situações de inadaptação (social, moral e escolar), etc.

Deve-se notar que esse campo de investigação histórico-educativa está dificultado pela dispersão das fontes documentais e pelas carências de informação. A falta de estudos leva os historiadores a realizarem estudos monográficos de instituições de assistência e educação, sobre as idéias dos educadores ou figuras filantrópicas, cujo 'saber fazer' (modelos e práticas reeducativas) marcou acções e estilos pessoais de agir, em prol da criança e das suas problemáticas. Nesse sentido, apareceram, ultimamente, ao nível académico, alguns estudos significativos sobre essas crianças desvalidas e/ou sobre as instituições que as recolhiam nesses últimos séculos.

Há grandes possibilidades de investigações de História da Educação Social e, em particular, de História da Assistência à Infância, orientadas ao campo da marginalização, abandono, delinquência e inadaptação, às dimensões históricas das acções e intervenções socioeducativas na área da educação informal, do associativismo, das colónias (escolares, de férias, de campo e de mar), das animações sociocomunitárias, processos de socialização populares, reformas penitenciárias, o serviço social (trabalho social) de certos educadores, as instituições de solidariedade social e de reeducação, etc.

Enfim, assistimos a um movimento de trabalhos sobre os fenómenos educativos, culturais e sociais, quer em termos conceptuais, quer em termos empíricos. Um dos traços significativos é a tendência mista de estudos historiográficos em História da Educação, de Filosofia da Educação e História Social, descrevendo e aprofundando as idéias e ideais educativos, valorizando-se a história das instituições e da cultura (tradicional, local e regional), dos saberes populares, das questões

axiológicas e deontológicas, de formação de professores, da alfabetização, das vivências e relações quotidianas, da aprendizagem, da escola, etc.

Em suma, o cultivo e o uso da História da Educação tem um sentido pedagogizante e sectorial ao nível académico, orientado a implementar teorias e práticas educativas, a abordar uma diversificação de temáticas, introduzindo metodologias qualitativas e modelos explicativos sintonizados com as novas exigências científicas, sendo os seus conteúdos muito influenciados pela historiografia actual. Estão por fazer as sínteses historiográficas que estabeleçam um balanço crítico, comparado e globalizador dos contributos regionais e locais, evitando-se, no futuro, uma imagem de produção fragmentada e dispersa.

4. A Obra da Rua e a assistência à criança abandonada e vadia

A Obra da Rua ou Obra do Padre Américo destina-se à assistência educativa dos rapazes da rua, tendo sido criada pelo Padre Américo (Américo Monteiro de Aguiar, 1887-1956), em 1940, com a preocupação educativa e de amparo à criança abandonada, pobre, órfã, vadia, marginalizada, inadaptada e desamparada, difundindo-se em Portugal e, após a sua morte, em África (Angola, Moçambique), com as Casas e os Lares do Gaiato. Constituiu-se legalmente (década de 60 e 80 do século passado) numa obra de solidariedade social, em que a vertente social, assistencial e educativa está presente em todas as suas dimensões e instituições.

Os seus fins socioeducativos são o de fazer de cada rapaz um homem válido para a vida, fundindo-se nos princípios pedagógico e sociológico dos 'RRR' ('Recolher' em família, 'Recuperar' terapeuticamente e 'Reconverter' moralmente) e dos 'PPP' (prevenção, protecção e promoção pessoal e social). Por isso, para o seu fundador, toda a pedagogia da Obra da Rua assenta no tríptico da 'escola' (educação), 'hospital' (educação para a saúde e higiénica) e 'capela' (educação moral e religiosa), embrenhados pelo 'ambiente' (meio físico natural, social e educativo), do 'trabalho' (aprendizagem de um ofício, ter uma profissão) e do 'amor' (afectividade, amizade) (Martins, 2004).

De facto, a Obra, na sua globalidade, é a expressão do itinerário biográfico, do ideário educativo e do teor das intervenções socioeducativas e assistenciais do P.e Américo, como educador social e educador de rua (Martins, 2003). A Obra integra quatro dimensões, ainda hoje vigentes e infelizmente necessárias para tantos rapazes da rua, e cada uma com os seus respectivos destinatários e objectivos.

- *Dimensão assistencial, caritativa e espiritual.* É a preocupação pelos pobres, mendigos, indigentes, doentes e presos, na falta de políticas sociais e assistenciais na época do Estado Novo. São acções de teor caritativo e assistencial que o P.e Américo realiza, ajudando material, moral e espiritualmente muitos dos excluídos, marginalizados ou infelizes da sociedade. Essa dimensão começa na década de 30 do século passado, com a ‘Sopa dos Pobres’, com as acções de educador social às famílias necessitadas, aos pobres, nos hospitais, nas cadeias, como capelão na Tutória de Infância de Coimbra.

- *Dimensão socioeducativa e/ou sociopedagógica.* Inicia-se com a criação das Colónias de Campo no Verão, para as crianças da rua, marginalizadas, abandonadas e vadias, a partir de 1935 a 1940, na região de Coimbra e, depois, com a criação da Casa do Gaiato de Miranda de Corvo, do ‘Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios (modelo de apoio à reinserção social dos menores saídos dos estabelecimentos de reeducação do Estado), com a ‘Aldeia’ educativa de Paço de Sousa, Casas do Gaiato do Tojal (Lisboa), Setúbal e respectivos Lares do Gaiato citadinos para os rapazes que estudam e/ou trabalham em Porto, Coimbra, Lisboa, e Setúbal e, finalmente, com as Colónias de Mar no período do Verão.

As Casas do Gaiato são ‘escolas-quintas’, fora dos grandes centros urbanos, destacando-se a ‘Aldeia’ de Paço de Sousa, cuja estrutura arquitectónica se assemelha a uma população com o tríptico mencionado. Em termos organizacionais, as Casas e os Lares do Gaiato regem-se pelo lema ‘Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes’, com um ambiente em família (casas-família), em regime de portas abertas, em autogoverno, escolas de aprendizagem para a vida.

- *Dimensão social e habitacional.* No início de 1952, o P.e Américo cria o ‘Património dos Pobres’, movimento social e habitacional na ajuda à (auto) construção de moradias e bairros destinados às famílias pobres ou com dificuldades económicas, radicando-as nos seus lugares de residência. Esse movimento, ainda hoje activo, assenta no lema ‘cada freguesia cuide dos seus pobres’, com um regulamento próprio, que pretendeu, na época salazarista, erradicar a miséria e a pobreza, colaborando com as Comissões Fabriqueiras Paroquiais. Trata-se da maior iniciativa privada de política social realizada na época salazarista, dando ou ajudando a construir uma casa digna para milhares de famílias pobres ou ‘sem abrigo’. Na actualidade, esse Património dos Pobres inclui a Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos, na ajuda à compra de andares ou construção de moradias para os ex-gaiatos que vão constituindo família e não têm posses económicas.

- *Dimensão terapêutica e assistencial aos jovens deficientes e idosos abandonados.* Em 1956, cria-se o ‘Calvário’ (quinta-aldeia), em Beire (Paredes), nos mesmos moldes organizacionais das Casas do Gaiato, destinadas à hospitalização, tratamento clínico, reabilitação e uma vida digna para muitos jovens adultos deficientes ou com doenças incuráveis,

abandonados ou sem família, e idosos. Foi, e ainda é, uma instituição ímpar no seu tempo, ao permitir que essas pessoas doentes e deficientes permanecessem em família, tivessem um lar para viver, com assistência médica, dando-lhes a possibilidade de serem válidos para a vida, colaborando nas tarefas comunitárias. A essa iniciativa ainda se juntou o projecto de uma 'Casa do Padre Inválido' (junto dos seminários de Coimbra, Lisboa e Porto), para dar guarida ao clero idoso, doente e inválidos pela idade, permitindo-lhes viver em comunidade.

O veículo de divulgação da Obra da Rua, que pretende sensibilizar e consciencializar a sociedade para com os flagelos sociais e assistenciais das crianças, pobres, excluídos e abandonados, é o Jornal 'O Gaiato', criado em 1944, mantendo-se como uma voz activa e de alerta para essas situações de injustiças sociais e humanas.

A Obra da Rua tem uma actualidade permanente, ao ser a denúncia incómoda perante as injustiças sociais, mantendo-se, na actualidade, no amparo ao rapaz inadaptado, marginalizado, abandonado e vadio, seguindo o seu caminho de eficácia pedagógica e social, para muitos menores necessitados que nela permanecem.

5. A Obra da Rua na História da Educação Social e da Assistência à Infância

Após o ponto de situação dos campos temáticos das investigações histórico-educativas, vigentes na actualidade, a pergunta pertinente é saber onde situaremos a nossa investigação sobre o P.e Américo e a sua obra. Como é óbvio ela contém uma perspectiva histórico-educativa e outra de filosofia de educação/teoria educativa, incluindo uma dimensão historiográfica da vida daquele educador e uma análise interpretativa filosófico-pedagógica ao seu pensamento. Assim, segundo as categorias ou campos mencionados, o presente estudo situar-se-ia na História da Educação e/ou História das Idéias Pedagógicas, e, em particular, na História da Educação Social, devido à vertente historiográfica da intervenção e assistência educativa (pedagogia social) à infância abandonada, vadia e marginalizada.

Realmente, o estudo histórico da infância abandonada, delinqüente e marginalizada possibilita-nos uma melhor compreensão no tempo, no espaço e nos contextos das características, carências e diferentes problemáticas sociais, familiares e educativas que afectavam o comportamento, a educação e o modo de vida daquela infância. Subjacente a essa História, enquadrámos no contexto da vida familiar e do panorama da sociedade, as diversas conjecturas políticas, as crises económicas, a falta de políticas sociais eficazes para colmatar muitos flagelos sociais, a existência de uma assistência social limitada (incluindo a materno-infantil, que originava elevados índices de mortalidade infantil), o desemprego, a

pobreza e a miséria em que viviam as famílias de classes sociais mais desfavorecidas, a pouca implementação das reformas educativas que não possibilitavam uma educação adequada ao papel a desempenhar na sociedade, a vigência de métodos didácticos pouco eficazes à aprendizagem escolar e, por isso, provocava situações de inadaptação escolar, a incoerência na prática do discurso oficial⁷ e das decisões políticas, etc.

A concepção da educação da infância portuguesa nos contextos da época do P.e Américo relaciona-se com uma imagem que se tinha da criança escolar normal⁸, mas pouco ou nada referida à maioria das outras crianças e jovens que se encontravam em situação de desvio social, abandonadas, marginalizadas, delinquentes e inadaptadas (escolar e socialmente).

Na diversa literatura histórico-educativa, os termos e a concepção de ‘criança’, a ‘noção de criança’, a ‘ideia de criança’, a ‘imagem de criança’ ou de ‘infância’ e ‘juventude’, etc., mesmo referindo-se exclusivamente à criança normal ou em situação escolar, dá-nos uma imagem e um retrato que é sempre uma representação elaborada desde o adulto e a sociedade, mas que se projecta nela e inclusive a leva a identificar-se com esse modelo. Assim, a noção de infância era uma noção derivada, pois esse retrato da criança traduz a cultura vigente, a sua natureza humana e o contexto social em que vivia.

Na análise à época que tratamos, reconhecemos que a atitude perante a infância e as idéias subjacentes são reveladoras da idéia de família, do papel dos pais, do papel social e educativo da sociedade em que se criou a Obra da Rua. De facto, o discurso oficial dá-nos um tipo de realidade social, assistencial e educativa da infância e da família muito diferente do que era, sem se aperceber dos reais problemas que as afectavam. Ora foi missão do P.e Américo trazer à luz, não só a imagem do garoto da rua, como as causas da situação de pobreza absoluta, miséria social, abandono e exclusão desses colectivos desprotegidos da sociedade. Ele não se limitou a descrever, entreviu criando uma Obra com as suas dimensões sociais e pedagógicas, especialmente destinada a proteger, a recolher e educar os garotos da rua.

Com efeito, ao longo da História da Assistência à Infância Abandonada em Portugal, ainda por fazer, a educação

⁷ Referimo-nos ao sentido dado por O. Reboul (1984: 9-11 e 42-49), que define o ‘discurso’ (pedagógico) em três sentidos: o sentido habitual, o sentido restrito e o sentido lingüístico mais alargado, enfatizando essencialmente este último sentido. Na verdade o discurso oficial, que é sempre ideológico, sendo mais ou menos racional, objectivo e científico, tem por finalidade legitimar um poder. Na República e no Estado Novo esse discurso oficial e legalista tinha poucos efeitos práticos na sociedade.

⁸ Mencionamos alguns estudos sobre a história natural da criança, como A. Aurélio da Costa-Ferreira (1922), A. Pimentel ‘Filho’ (1929), V. Fontes (1922), V. C. Pelayo (1950), M.^a João Cardona (1997), etc.

dessa infância caracterizou-se por certas ambivalências: entre a educação familiar e a escola; entre uma insípida concepção assistencial e uma concepção correcional e/ou regenerativa (desde 1871, com a criação das casas de correção); entre uma concepção de preparação para a escola e uma concepção centrada nas características específicas da criança (valoriza-se o desenvolvimento socioafectivo); entre a reclusão em instituições especiais, com medidas de tratamento médico-pedagógico e correcionais e as instituições asilares, com medidas assistenciais e educativas; entre uma concepção baseada nas características psicológicas da criança e uma concepção apoiada nas características sociológicas, etc. Foi entre essas ambivalências que a educação das crianças se desenvolvia e as que caíam em situações problemáticas familiares, sociais e educativas eram marginalizadas, adoptando-se como medida de controlo social a sua reclusão e reeducação em instituições especiais públicas e particulares.

Os princípios educativos e a organização da Obra da Rua (especialmente das Casas e dos Lares do Gaiato) apresentam vários pontos de originalidade filosóficos, pedagógicos e sociológicos, assim como as acções e intervenções assistenciais e socioeducativos do fundador em prol dos necessitados e das crianças da rua. Eis como ele definia a finalidade da Obra:

A alma da Obra da Rua não é só tirar o rapaz da rua. É, também, e muito principalmente, libertá-lo dos laços de quem os deu à luz. Eu cá não sou contra a família. Não posso ser contra a família – mas sei de onde vem a perversão desta sorte de gente. Os que se interessam por problemas sociais, também, sabem de onde procede a perversão das crianças abandonadas. (P.e Américo, 1986: 92)

Havia que recuperar física e moralmente a criança abandonada e retirá-la das malhas da promiscuidade ou dos ambientes familiares inadequados ao seu normal desenvolvimento. O propósito era libertá-las, dar-lhes um lar, uma família e uma educação para a vida, transformando-os em homens válidos e capazes de constituir uma família normal. Não é uma Obra perfeita, tal como o homem não o é, mas tem tido muito êxito.

A inclusão do P.e Américo e da sua Obra da Rua na História da Educação Social e da Assistência à Infância apoia-se, então, nos seguintes aspectos:

- Preocupação pela educação da infância abandonada, órfã e sem recursos, marginalizada e inadaptada e sem família, do sexo masculino, enquadrando-se na larga tradição portuguesa de instituições públicas e particulares, especialmente as religiosas.
- A inovação do ambiente das Casas do Gaiato, lugares de recuperação (física, moral) e formação para a vida daquele

tipo de infância, que são comunidades 'educativas', em sistema familiar e de autogoverno, em que o ambiente físico-natural, social e educativo é determinante para a sua reconversão interior, unido ao perfil do educador (os padres da rua, os gaiatos chefes' e senhores assistentes), ao amor, à confiança mútua, à pedagogia de trabalho e a solidariedade.

- Essas 'casas de família' em regime de 'portas abertas' (os gaiatos podem entrar e sair) são os autênticos 'lares' para esses rapazes, tendo características funcionais próprias, supondo uma maior compreensão do verdadeiro sentido educacional, social e familiar, abarcando um sentido mais global que outras instituições congêneres (asilos, reformatórios, escolas de regeneração e colônias correccionais).

- O teor social e habitacional, com vista a sanar a falta de habitação digna de muitas famílias portuguesas, com a iniciativa do *Património dos Pobres*, a partir de 1952, tendo-se construído, até à morte do seu fundador, mais de três mil e quinhentas moradias, empenhando as paróquias a cuidar dos seus pobres.

- A dedicação aos doentes incuráveis, sem família ou pertencentes a famílias sem posses, com a criação do '*Calvário*' (1956), constituindo uma obra assistencial de grande valor humano naquela época e na actualidade.

Com efeito, a Obra da Rua constitui uma obra assistencial, social e educativa '*sui generis*' na recuperação (física, moral) e na formação (pessoal, social) das crianças da rua, convertendo-os em homens válidos para a vida num sistema de autogoverno familiar. É nesse sentido que o nosso trabalho irá contribuir para que o seu fundador e a sua Obra sejam incluídos na História da Educação Social e da Assistência à Infância (abandonada e marginalizada).

Em suma, sendo esse um dos objectivos do presente estudo, não só devemos incluir o P.e Américo e a sua Obra na História da Educação Social (pedagogia social) pelas acções e intervenções realizadas por aquele 'educador' do social' e pelo próprio teor da obra, como também na História da Igreja em Portugal, pelo facto de ser um religioso que perfilha uma filosofia católica de vida, com uma pastoral social actuante junto dos pobres. O P.e Américo, que há seis lustros se dedicou à pobreza, às famílias pobres em situação-limite de sobrevivência e ao garoto da rua, assistindo, intervindo, educando e criando iniciativas, atenuou muitos desses males da exclusão e marginalização social. Foi o 'apóstolo social' ou da 'rua' mais conhecido de lés a lés no País e além fronteiras e, por isso, a sua obra perdura até à actualidade e continua a alertar quinzenalmente as consciências humanas, com as folhas de *O Gaiato*, para a situação problemática de muitas crianças, constituindo-se esse jornal no veículo de difusão dos 'sem voz' e de como vivem e se educam para a vida essas crianças ('gaiatos')

Mas, sobretudo, pertence à História da Educação e/ou História da Pedagogia e das Idéias Pedagógicas, ao promover

uma autêntica pedagogia, prática e activa, bem expressa nas Casas e Lares do Gaiato, que é propícia à reconversão interior (moral), à recuperação física e à formação para a vida de muitos rapazes. Trata-se de uma pedagogia cujo objecto de reflexão é a educação do gaiato, a realidade e os processos educativos num determinado contexto (ambiente), que se baseia em valores e fins educativos (filosofia da educação) que encaminhem o gaiato para uma autonomia e inserção na sociedade. Aliás, devemos inserir ambos, fundador e obra, na História da Assistência à Infância (Abandonada) em Portugal, pelo tipo especial de criança, pelas acções e intervenções em prol dela, pelo amor e dedicação, pela defesa dos seus direitos, por fazer de muitas delas homens válidos, por apelar à responsabilidade da família e da sociedade nessa protecção, prevenção e promoção educativa.

Referências Bibliográficas

- AMÉRICO (P.e). **O Cantinho dos rapazes**. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1986
- BRICKMAN, W. 'Teorical and critical perspective on educational history'. **Paedagogica Historica** (Gante), n.º 1, 1992, pp. 48-50
- CARDONA, M.ª João. **Para a história da educação de infância em Portugal. O discurso oficial (1834-1990)**. Porto: Porto Editora, 1997
- CORTES, Nuno O. **O abandono das crianças no Algarve e o caso dos expostos de Loulé (1820-1884)** (Tese de Mestrado). Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Letras, 1991
- COSTA-FERREIRA, A. Aurélio. **História natural da criança**. Lisboa: Publ. do Instituto Médico-Pedagógico da Casa Pia de Lisboa, 1922
- ESCOLANO BENITO, A. 'La historiografía educativa. Tendencias generales'. In: Narciso de Gabriel y A. Viñao Frago (ed.s), **La investigación histórico-educativa**. Barcelona: Ed. Ronsel, 1997, pp. 66-75
- FERREIRA, M.ª Manuela M. **'Salvar os corpos, forjar a razão': contributo para uma análise crítica da criança e da infância** (Tese de Mestrado). Porto: Universidade do Porto/ Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 1995
- FONTANA, J. **La història després de la fi de la història: reflexions i elements per a una guia dels corrents actuals**. Vic/Barcelona: Eumo, 1992.
- FONTES, V. **História natural da criança**. Lisboa: Instituto Médico-Pedagógico Aurélio da Costa-Ferreira, 1922

- GUEDES, Ana Isabel M. **A assistência e a educação dos órfãos durante o antigo regime: o Colégio dos Órfãos do Porto** (Tese de Mestrado). Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Letras, 1993
- GOMES, J. Ferreira. 'A situação actual da história da educação em Portugal'. In: **1.º Encontro de História da Educação em Portugal** (de 14-16 de outubro de 1987). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação, 1988, pp. 11-23
- GOMES, J. Ferreira Gomes: **Para a história da educação em Portugal**. Porto: Porto Editora, 1995
- JARAUSCH, Konrad H. 'Towards a social history of experience: Postmodern predicaments'. **Theory and Interdisciplinarity Central European History**, 22 (34), pp. 430-432, 1989
- MAGALHÃES, J. (org.): **Fazer e ensinar história da educação**. Braga: Univ. do Minho – Instituto de Educação e Psicologia /Centro de Estudos em Educação e Psicologia, 1998, pp. 243
- MARTINS, Ernesto C. **A Problemática Sócio-educativa da Protecção e da Reeducação dos Menores Delinquentes e Inadaptados entre 1871 a 1962** (Tese de Mestrado). Lisboa: Universidade Católica Portuguesa/Faculdade Ciências Humanas, 1995, 2 Vol.s
- MARTINS, Ernesto C. 'Um olhar sobre as fontes e as abordagens da investigação histórico-educativa', **Educare & Educere**, (ESECB, Castelo Branco), Ano IV, n.º 5 (dezembro, 1998), pp. 87-99
- MARTINS, Ernesto C. **Padre Américo. O destino de uma vida**. Coimbra/Castelo Branco: Alma Azul, 2003, 294 págs.
- MARTINS, Ernesto C. **O Projecto Educativo do Padre Américo. O ambiente na educação do rapaz**. Lisboa: Temas & Debates, 2004, 470 págs.
- NÓVOA, A. 'A História do ensino Primário em Portugal. Balanço da Investigação realizada nas últimas Décadas', **I.º Encontro de História da Educação em Portugal** (de 14-16 de outubro de 1987). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação, 1988, pp. 45-64
- NÓVOA, A. 'Inovação e história da educação'. **Inovação** (Lisboa), Vol. 2.º, n.º 1, 1989, pp. 26-27
- NÓVOA, A. 'História da Educação: Novos sentidos, Velhos Problemas'. MAGALHÃES, J. (org.): **Fazer e ensinar história da educação**, Braga, Univ. do Minho – Instituto de Educação e Psicologia /Centro de Estudos Educação e Psicologia, 1998, pp. 35-54
- PATRÍCIO, M. Ferreira 'Breve notícia sobre estudos de pedagogia portuguesa Contemporânea'. In: **1.º Encontro de História da Educação em Portugal** (de 14-16 de outubro de 1987). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço

de Educação, 1988, pp. 239-245.

PELAYO, V. C. **A questão social da criança**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1950

PIMENTEL 'FILHO', A. **Pedologia (Esboço de uma história natural da criança)**. Lisboa: Ed. Guimarães, 1929

REBOUL, O. **Le langage de l' éducation**. Paris: PUF, 1984

REIS, M.^a José C. P. **Crianças expostas em Santarém em meados do Antigo Regime (1671-1710): elementos sociais e demográficos**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1993

ROCHA, Manuel I. F. **O Real Colégio das chagas do convento das Ursulinas: instrução das meninas em Viana 1778-1884**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995

RUIZ BÉRRIO, J. 'El Método histórico en la investigación histórica de la educación'. **Revista Española de Pedagogia**, n.º 134, 1976, pp. 449-475

RUIZ BERRIO, J. 'El método histórico en la investigación histórico-educativa', Narciso de Gabriel y A. Viñao Frago (ed.s), **La Investigación histórico-educativa**. Barcelona: Ed. Ronsel, 1997, pp. 131-202.

SÁ, Isabel C. S. **A assistência aos expostos no Porto: aspectos institucionais (1519-1838)**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1987

SANTOS, M.^a Manuela L. **A assistência infantil na transição para o século XX e nos primeiros anos da República**. Lisboa: Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras, 1990

VIÑAO FRAGO, A. 'De la importancia y utilidad de la historia de la educación (o la responsabilidad moral del historiador)'. Narciso de Gabriel y A. Viñao Frago (ed.s), **La investigación histórico-educativa**. Barcelona: Ed. Ronsel, 1997, pp. 15-49

Key-words: História; Metodologia; Investigação

O tema sobre o qual este artigo se propõe a refletir criou-se nos meandros que contribuíram à construção da infância e

Docente do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina - Especialista em Educação pela UNESP - Marília. E-mail: cah@foc@uol.com.br